

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



DIFERENCIAIS DE RENDIMENTOS DO TRABALHO NO BRASIL – 2000/2015

Edicleia de Oliveira Silva¹, Luís Abel da Silva Filho²

Resumo: os diferenciais de rendimentos do trabalho no Brasil encontra-se no topo entre os países em desenvolvimento em todo mundo. As disparidades salariais são elevadas quando se mensura pelas características socioeconômicas e demográficas dos indivíduos. Assim sendo, este trabalho visa analisar os diferenciais de rendimento do trabalho no setor formal brasileiro, dando ênfase ao setor agropecuário, entre os anos de 2000 e 2015. Para tal propósito, foram estimadas equações mincerianas, por Mínimos Quadrados Ordinários – MQO, a partir de microdados da RAIS/MTE. Os principais resultados mostram que, dentre os fatores que afetam as desigualdades salariais estão, a educação, idade, sexo e tempo de permanência no emprego, dentre outras.

Palavras-chave: Brasil, inovação tecnológica, emprego formal, diferenciais de rendimentos do trabalho.

1. Introdução

O Brasil pode ser caracterizado como um país marcado por fortes desigualdades de renda do trabalho entre os países em desenvolvimento em todo o mundo. Essas desigualdades são influenciadas tanto por características socioeconômicas dos trabalhadores, como por características demográficas (Silva Filho *et al.*, 2017). Segundo Cavaleiri & Fernandes (1998), os diferenciais de salários no mercado de trabalho brasileiro são facilmente verificados, pautado por uma dispersão de rendimentos extremamente elevada.

Vários são os argumentos que podem ser utilizados para explicar esses diferenciais observados nos salários dos ocupados no Brasil. De acordo com Ramos & Viera (2001), existe quatro fatores que podem explicar as diferenças da remuneração dos indivíduos: 1) as diferenças salariais podem ser geradas como uma forma de compensação por trabalhos que requerem maiores riscos de acidentes, insalubridade, entre outros. Estes são denominados diferenciais compensatórios e estão relacionadas às diferenças não pecuniárias dos postos de trabalho; 2) salários distintos também poder ser resultados das diferenças de atributos produtivos dos trabalhadores, ou melhor, diferenças de capital humano (educação e experiência); 3) esses salários diferenciados podem ser ainda oriundos da segmentação no mercado, podendo estar remunerando distintamente trabalhadores que são igualmente produtivos, porém muitas vezes remunerados diferentemente dado a forma como são inseridos (baseadas nas diferenças regionais e/ou setoriais) e; por fim, 4) indica a existência da discriminação salarial no mercado de trabalho, em que os trabalhadores são remunerados diferentemente com base em atributos não produtivos, como por exemplo cor e sexo

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: cleiaeconomia@outlook.com

2 Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri, e-mail: abeleconomia@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



A disparidade salarial no Brasil é fruto de um conjunto de fatores que interferem na forma como a mão de obra é remunerada. A educação, a experiência, o sexo, a cor, a idade, a região, o setor de atividade, registro em carteira de trabalho, associação sindical são alguns dos fatores levantados para justificar essas diferenças (COELHO & CORSEUIL, 2002). Ademais, a forma de ingresso do mercado de trabalho (formal ou informal), o setor e até mesmo o seu nível de desenvolvimento tecnológico, são também fatores que influenciam fortemente na forma de remuneração da mão de obra ocupada no país (ARBACHE & NEGRI, 2002; BARROS *et al.*, 2007).

No setor agrícola brasileiro, por exemplo, a mecanização tem sido um dos principais instrumentos impulsionador desses diferenciais de salários, uma vez que, o mercado formal de trabalho rural passou a exigir um novo perfil de trabalhadores mais qualificados e preparados para atuar no novo processo produtivo automatizado. Ou seja, com a introdução das novas técnicas de produção no mercado rural, o trabalhador que acompanha o novo modelo passou a obter melhores condições de trabalho e principalmente, maiores rendimentos, conforme Silva Filho (2013).

2. Objetivo

- Analisar os diferenciais de rendimentos no mercado de trabalho brasileiro à luz das características socioeconômicas e demográficas dos ocupados no setor formal da economia – 2000/2015.

3. Metodologia

Com o propósito de avaliar os diferenciais de rendimentos entre os ocupados no setor formal da econômica brasileira, dando ênfase ao setor agropecuário nos anos de 2000-2015, foram utilizados microdados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Paralelamente por meio de uma revisão da literatura e do uso da equação minceriana de rendimento, foi analisado o padrão dos diferenciais de renda no mercado formal de trabalho, levando em consideração as características socioeconômicas e demográficas destes trabalhadores.

Para avaliar o diferencial de salário, a análise empírica se baseará em um modelo de Mínimos Quadrados Ordinários- MQO.

A forma funcional da equação estimada por MQO é representada da seguinte forma:

$$\begin{aligned} \ln w_i = & \beta_0 + \beta_1 \text{agro} + \beta_2 \text{sexo} + \beta_3 \text{idade} + \beta_4 \text{idade}^2 + \beta_5 \text{estab} \\ & + \beta_6 \text{tempor} + \beta_7 \text{esco} + \beta_8 \text{região} \\ & + \varepsilon \end{aligned} \quad (1)$$

Onde: $\ln w_i$ (logaritmo natural do salário do indivíduo); β_0 (intercepto da regressão); $\beta_1 \text{agro}$ (vetor referente ao setor agro); $\beta_2 \text{sexo}$ (vetor referente ao sexo do ocupado); $\beta_3 \text{idade}$ (vetor referente a idade do indivíduo); $\beta_4 \text{idade}^2$ (vetor referente a idade ao quadrado); $\beta_5 \text{estab}$ (vetor referente ao estabelecimento); $\beta_6 \text{tempor}$ (vetor referente ao tempo de permanência no

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: cleiaeconomia@outlook.com

2 Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri, e-mail: abeleconomia@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



emprego); β_{7esco} (vetor referente a escolaridade do indivíduo); $\beta_{8região}$ (vetor referente a região de ocupação); ε (erro estocástico do modelo).

4. Resultados

A análise empírica realizada nesta pesquisa buscou avaliar o diferencial salarial no setor agrícola brasileiro, levando em conta as características socioeconômicas e demográficas dos ocupados nos anos de 2000, 2005, 2010 e 2015. Para tanto, foi utilizada o modelo de MQO, partir da base de dados da RAIS-MTE.

Os principais resultados apontados nesta pesquisa mostram que apesar dos ocupados no agronegócio brasileiro ganharem menos quando comparados aos demais setores de atividades, essa diferença vai se reduzindo ao longo dos anos. Essa redução, para Balsadi & Del Grossi (2016), pode ser justificada pela intensificação tecnológica do setor agrícola, pelo surgimento de ocupações no meio rural com remunerações mais elevadas e, sobretudo, pelo melhoramento no nível educacional da mão de obra no setor.

Tabela 01: diferenciais de rendimentos do trabalho entre ocupados na agropecuária e demais setores de atividade econômica brasileira – estimações por Mínimos Quadrados Ordinários – MQO.

Coeficientes	2000	2005	2010	2015
	Estimativa	Estimativa	Estimativa	Estimativa
(Intercepto)	6,423*** (0,001)	6,387*** (0,001)	7,058*** (0,002)	6,550*** (0,002)
Agro	-0,253*** (0,001)	-0,170*** (0,000)	-0,119*** (0,001)	-0,111*** (0,001)
Sexo	0,158*** (0,000)	0,219*** (0,000)	0,213*** (0,000)	0,206*** (0,000)
Idade	0,033*** (0,000)	0,040*** (0,000)	0,028*** (0,000)	0,028*** (0,000)
Idade ²	0,000*** (0,000)	0,000*** (0,000)	0,000*** (0,000)	0,000*** (0,000)
Pequeno	0,123*** (0,000)	0,111*** (0,000)	0,110*** (0,000)	0,094*** (0,000)
Médio	0,215*** (0,000)	0,213*** (0,000)	0,205*** (0,000)	0,173*** (0,000)
Grande	0,262*** (0,000)	0,280*** (0,000)	0,307*** (0,000)	0,257*** (0,000)
Maisde1a2	0,052*** (0,000)	0,076*** (0,000)	0,059*** (0,000)	0,056*** (0,000)
Maisde2a3	0,077*** (0,000)	0,127*** (0,000)	0,138*** (0,001)	0,132*** (0,001)

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: cleiaeconomia@outlook.com

2 Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri, e-mail: abeleconomia@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



Maisde3a5	0,111*** (0,000)	0,174*** (0,000)	0,198*** (0,001)	0,196*** (0,001)
Maisde5a10	0,159*** (0,000)	0,239*** (0,000)	0,312*** (0,001)	0,299*** (0,001)
Maisde10	0,279*** (0,001)	0,384*** (0,001)	0,456*** (0,001)	0,478*** (0,001)
Fundcompmedinc	0,084*** (0,000)	0,080*** (0,000)	0,031*** (0,000)	-0,001* (0,001)
Medcompsupinc	0,258*** (0,000)	0,255*** (0,000)	0,169*** (0,000)	0,103*** (0,001)
Supcomp	0,477*** (0,001)	0,672*** (0,000)	0,626*** (0,001)	0,537*** (0,001)
Mestrado	-	-	0,618*** (0,003)	0,575*** (0,003)
Doutorado	-	-	0,682*** (0,005)	0,656*** (0,004)
NO	0,129*** (0,001)	0,153*** (0,001)	0,137*** (0,001)	0,115*** (0,001)
SE	0,297*** (0,000)	0,324*** (0,000)	0,269*** (0,000)	0,229*** (0,000)
SU	0,252*** (0,000)	0,284*** (0,000)	0,245*** (0,001)	0,251*** (0,001)
CO	0,186*** (0,001)	0,245*** (0,001)	0,197*** (0,001)	0,202*** (0,001)

FONTE: elaboração própria a partir de microdados da RAIS/MTE

NOTA: (***) significância de 1%; (**) significância de 5%; (*) significância de 10%.

Também é possível observar que os diferenciais de rendimentos no setor agropecuário e nos demais setores pode estar fortemente influenciado pela discriminação por sexo existente no mercado de trabalho formal brasileiro. Os resultados comprovaram este fato ao mostrar que, os rendimentos dos homens foram mais elevados que os das mulheres nos anos em destaque.

No que se refere a idade, os dados demonstram que nos anos de 2000, 2005 o rendimento do trabalho cresce com a idade, enquanto nos demais anos (2010 e 2015), um ano a mais provocaram uma redução na diferença de rendimentos. Em relação ao tamanho do estabelecimento, os maiores diferenciais de rendimentos são registrados no estabelecimento de grande porte.

No tocante ao tempo de permanência no emprego, percebe-se que, quem estava ocupado há mais de 10 anos auferia um salário superior à de quem ficava menos de um ano ocupado em seus postos de trabalho. Esses resultados relevam que, à medida que aumenta o tempo de permanência no emprego, maior é a probabilidade de aumentar a remuneração média em longo

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: cleiaeconomia@outlook.com

2 Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri, e-mail: abeleconomia@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



prazo, o que pode estar relacionado diretamente à experiência adquirida ao longo dos anos.

Confere-se, ainda, pela tabela, que a escolaridade desempenha papel fundamental na explicação sobre os diferenciais de rendimentos nos setores formais da economia brasileira. Os dados demonstram que quanto maior for o nível de escolaridade de um indivíduo, maior será o seu rendimento em relação aqueles menos escolarizados.

Analisando os diferenciais de renda nas regiões de ocupações, foi possível verificar que os ocupados em qualquer região brasileira ganhavam mais que os ocupados no setor formal do Nordeste. Observou-se que os salários do Nordeste foram muito inferiores quando comparados aos do Sudeste

5. Conclusão

Pelo presente estudo, é possível concluir que há disparidades salariais no mercado de trabalho formal brasileiro. Além disso, as características socioeconômicas e demográficas afetam substancialmente as disparidades salariais entre os formalmente ocupados no Brasil.

Assim sendo, sugere-se que as disparidades salariais brasileiras devem ser combatidas mediante políticas econômicas com o fito de reduzir as disparidades salariais no ambiente de trabalho brasileiro a partir da entronização de medidas geoeconômicas, socioeconômicas e institucionais.

Referências

- ARBACHE, J. S.; NEGRI, J. A. diferenciais de salários interindustriais no Brasil: evidências e implicações. **Texto para discussão IPEA**, n. 918, p. 1-33, 2002.
- BALSADI, O. V.; DEL GROSSI, M. E. Trabalho e emprego na agricultura brasileira: Um olhar para o período 2004-2014. **Revista Política Agrícola**, ano XXV, n. 4, p. 82-96, 2016.
- BARROS, R. P.; FRANCO, S.; MENDONÇA, R. Discriminação e segmentação no mercado de trabalho e desigualdade de renda no Brasil. **Texto para discussão IPEA**, n. 1288, p. 1-34, 2007.
- CAVALEIRI, C. H.; FERNANDES, R. Diferenciais de salários por gênero e cor: uma comparação entre as regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Economia Política**, v. 18, n.1, p. 158-175, 1998.
- COELHO, A. M.; CORSEUIL, C. H. Diferenciais salariais no Brasil: um breve panorama. **Texto para discussão IPEA**, n. 898, p. 1-26, 2002.
- RAMOS, L.; VIEIRA, M. L. *Desigualdade de rendimentos no Brasil nas décadas de 80 e 90: evolução e principais determinantes*. **Texto para discussão IPEA**, n. 803, p. 1-22. 2001.
- SILVA FILHO, L. A. de. Mudanças Estruturais, mercado de trabalho e rotatividade no emprego agropecuário no Brasil. **RDE - Revista De Desenvolvimento Econômico**, ano XV, nº 27, 2013.
- SILVA FILHO, L. A.; MIYAMOTO, B. C. B.; SANTOS, J. M. Mercado de trabalho e diferenciais de rendimentos no emprego formal no Ceará no período de 2000 a 2014. *Rev. Econ. NE*, v. 48, n. 4, p. 25-44, 2017.

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: cleiaeconomia@outlook.com

2 Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri, e-mail: abeleconomia@hotmail.com